



A modificação da imagem de Otávio por meio das fontes numismáticas (44-27 a.C.)

Camilla Ferreira Paulino da Silva¹
Submetido em Outubro/2013
Aceito em Dezembro/2013

RESUMO:

Nesse presente artigo, trataremos da construção da imagem de Otávio, utilizando para tal um conjunto de moedas que serão analisadas cronológica e simbolicamente, demonstrando como Otávio vai angariando com o passar dos anos epítetos e cargos que vão construindo sua imagem. Ao investigar a bibliografia referente ao período de formação do Principado, entendemos que é necessária uma investigação que mostre de que forma Otávio chegou ao poder e como o repertório simbólico que ele agregou durante os anos auxiliou nesse empreendimento. Observamos, em diversos manuais e artigos, que Otávio muitas vezes é confundido com Augusto, no sentido de que certos autores deixam-se levar pelo Otávio “consolidado”, não prestando a devida atenção aos processos de construção identitária, que não são simples e demandam um esforço representacional enorme.

Palavras chave:

Moedas – Representação – Poder Simbólico – Otávio

ABSTRACT:

In this article, we address the construction of the image of Octavian, using such a set of coins that will be analyzed chronologically and symbolically, demonstrating how Octavius will collecting over the years epithets and titles that will build your image. By investigating the literature on the early period of the Principate, we believe that is needed a survey which shows how Octavian came to power and how the symbolic repertoire that he added over the years helped him in this endeavor. We observed, in various manuals and articles, that Octavius is, sometimes, confused with Augustus, in the sense that certain authors are carried away by the Octavius "consolidated", not paying enough attention to identity construction processes, which are not simple and require representational huge effort.

Key- words:

Coins – Representation – Symbolic Power - Octavius

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, da Universidade Federal do Espírito Santo, membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano – Seção ES e bolsista Capes.



A moeda romana e suas transformações

A moeda, tal como a conhecemos atualmente, na forma de um disco metálico redondo, surgiu na Lídia no século VII a.C., fabricada por meio de marteladas em um cunho, contendo efígies dos soberanos do reino lídio.² Essa foi uma das características da numismática antiga, pois os atributos ligados aos governantes e às pessoas de destaque, assim como à cultura e à história das cidades, sempre estiveram presentes nas moedas antigas, assim como ainda estão presentes na moedagem atual (CARLAN, 2007, p.107).

Florenzano (1989, p. 134) afirma que provavelmente as moedas foram uma invenção dos comerciantes, mas que com o passar do tempo o Estado assume para si a tarefa de fabricá-las, empregando-as como meio de afirmação política, através das imagens gravadas no anverso e no reverso. Portanto, as moedas não eram restritas à função econômica, servindo também a propósitos políticos (FACHIN, 1993, p. 6).³

A emissão de moedas no mundo antigo sempre esteve sempre ligada às campanhas militares de modo geral, incluindo o pagamento dos combatentes. Também eram emitidas moedas para financiar obras públicas. O aumento das emissões monetárias favoreceu a circulação de riqueza, já que antes os metais preciosos só eram encontrados em vasos, caldeirões, taças e afins, o que dificultava a troca comercial. Além disso, como no mundo antigo a terra sempre foi o bem precioso mais cotado, o surgimento das moedas facilitou a diversificação das formas de pagamentos e de compras de produtos (FLORENZANO, 1989, p. 135).

As moedas, em Roma, eram cunhadas em oficinas monetárias, que poderiam ser oficinas centrais ou ateliês locais. Os romanos tinham, a princípio, uma oficina de moeda que ficava no Capitólio, próximo ao templo de Juno Moneta, de onde se originou o nome moeda. A moeda romana era tida assim como um artefato sagrado, uma vez que

² A forma mais antiga de utilizar metal como instrumento de trocas comerciais vem da China, século IX a.C., que fabricavam uma esfera de ferro, maciça.

³ Para uma discussão mais econômica, c.f. SYDENHAM, E. A. *Roman Monetary System*. Los Angeles: University of California Library, 1919; CARSON, R. A.G. Roman Coin Acquisitions. *The British Museum Quarterly*, vol. 22, nº 1/2, 1960, p. 20-24; CECCO, Marcello de. Monetary Theory and Roman History. *The Journal of Economic History*, vol. 45, nº 4, 1985, p.809-822; REECE, Richard. Roman currency: New Thoughts and Problems. *World Archeology*, vol 6, nº 3, 1975, p.209-306.



era produzida sob a proteção divina (GRANT, 1958, p. 13). A oficina central do Capitólio não era, porém, a única que cunhava moedas em Roma; seu papel era muito mais o de coordenar as emissões dos ateliês provinciais, instalados nas imediações das minas (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 44-45).

As primeiras cunhagens romanas datam do final do século IV e início do século III a.C., no momento em que Roma expandiu-se para o sul da Península Itálica controlado pelos gregos. O contato com os gregos e com suas moedas influenciou a cunhagem romana, cuja técnica e iconografia foram alteradas após a conquista das *poleis* (FLORENZANO, 1989, p. 136). Roma já possuía experiência na forja do bronze em barras, que, com o passar do tempo, tornaram-se menores e receberam símbolos exprimindo o valor das peças, como vemos no caso do *aes signatum* (RRC 000/05), moldado em forma de concha e produzido entre os séculos VI e IV a.C. com finalidade comercial.⁴

No decorrer da Segunda Guerra Púnica (218-201 a.C.), Roma começou a produzir o denário devido à conquista de territórios que continham minas de prata. Esse tipo de moeda foi a principal medida romana por pelo menos 450 anos. Durante a República, os tipos de moedas eram os seguintes: áureo, dupôndio, sestércio e asse. Um áureo equivalia a 25 denários, 1 dupôndio valia 10 asses e 1 sestércio, 4 asses. Estima-se que no último século da República um denário correspondia ao valor diário de um trabalhador braçal, e que, no século I d.C. com um asse podia-se comprar meio quilo de pão ou um litro de vinho. No decorrer do Principado os imperadores fizeram várias reformas no sistema monetário, introduzindo inclusive outros tipos de moedas (CARLAN, 2007, p. 112). Vale ressaltar que a moeda antiga valia pelo seu valor intrínseco, ou seja, valia quanto pesava, de acordo com a quantidade e a qualidade do metal empregado na cunhagem.

O padrão simbólico que se estabelece nas moedas romanas é de um deus aparecer no anverso e algum emblema referente a este deus no reverso. O nome *ROMA* também aparece em diversas moedas, para reforçar a autoridade da *Urbs* e conferir autenticidade às emissões. Também era comum nas cunhagens do século II a.C.

⁴Imagem disponível em: http://www.flickr.com/photos/ahala_rome/3351479652/in/set-72157615596256467



aparecer algum sinal marcando o valor da moeda, como um X no denário, expressando que ele valia 10 asses.

Em Roma, existiam magistrados especialmente designados para o controle da cunhagem romana, os *triumviri* (ou *tresviri*) *aere argento auro flando feriundo*, os triúnviros monetários encarregados de fundir e bater o bronze, a prata e o ouro. Essa era uma magistratura anual que integrava os ofícios menores de Roma, um dos primeiros postos que um romano podia ocupar para iniciar seu *cursus honorum*. O número tradicional de moedeiros era de três homens (CRAWFORD, 1974b, p. 598).

No século I a.C., porém, uma mudança fundamental ocorreu por determinação de César, que aumentou o número de moedeiros para 4. Em 44 a.C., o Senado autorizou que o *dictator* tivesse sua face representada nas moedas, algo até então inédito. Existe uma discussão sobre se César teria visto ou não sua face inserida nos anversos das moedas, uma vez que ele fora assassinado em março daquele mesmo ano (BIEBER, 1974, p. 881). A mudança pode ser identificada em um exemplar de 44 a.C., no qual César aparece no anverso, laureado; no reverso, temos o título do moedeiro responsável pela cunhagem. Mas, ao invés da imagem de algum deus referente à família do moedeiro, como era comum até então, é a deusa Vênus quem aparece, ou seja, a deusa protetora de César.⁵ Nota-se que a personalização da política romana, cada vez mais centrada nos comandos dos generais, se exprime também nas moedas, que se tornaram um suporte da autoridade política desses homens.

A partir de César, os líderes romanos passaram a representar não somente símbolos e inscrições, mas também suas faces no anverso ou reverso das moedas. Na época do Triunvirato, Antônio, Lépido e Otávio passaram a cunhar moedas de modo autônomo, sem o aval do Senado (MATINGLY, 1971, p. 17). Como afirma Prado (2011, p. 26), as moedas “[...] são um importante vetor imagético para a sustentação da *fides* política daqueles que almejaram, em qualquer tempo, a conquista do poder temporal [...]”.

Pautando-nos na ideia de Martins (2011, p. 39) de que as artes são miméticas e, que portanto, podem ser encontrados os mesmos *topói* em vários gêneros artísticos, a moeda também atuaria como um discurso epidítico ou demonstrativo. Assim, lemos as

⁵ RRC 480/5ª.



moedas para além de sua função original, a de artefato econômico, a fim de captar seu emprego como ferramenta discursiva que fornece apoio político aos representados.

Entendemos a moeda como um discurso, pois ela era controlada/fabricada para dar sentido a uma fala específica. Como o discurso é “direito do privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala”, a cunhagem deve ser concebida como algo que exprime poder, algo apropriado pelos antigos ao tentarem dar materialidade à sua fala (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Nas imagens que investigaremos a seguir, é possível perceber uma forma privilegiada de autoridade, uma vez que as moedas são *testemunha ocular* de seu tempo. Esse conceito, trabalhado por Peter Burke (2004, p. 234), é um excelente viés de compreensão das imagens por evitar a ideia de confiabilidade, de “documento verdade”, aproximando-se muito da visão de *monumento* que mencionaremos a seguir [e já mencionada antes], pois apenas entendendo a imagem como uma testemunha dos arranjos sociais do passado é que a decodificamos: as imagens não foram produzidas para nós, historiadores do presente, mas sim para um contexto específico, um contexto do passado. São testemunhas, portanto, de como os antigos pensavam e de como eles se utilizavam da percepção visual no passado.

Ignorar o valor das imagens dentro do jogo político pode ser o resultado da interferência do tempo presente na análise histórica, uma vez que vivemos num mundo saturado de imagens (BURKE, 2004, p. 22). Ao analisar uma imagem em uma moeda é importante ter em mente, como afirmamos, que a moeda era um objeto sagrado, cunhada a princípio no templo de Juno *Moneta* (aquela que lembra, adverte). Portanto, inserir títulos e símbolos nesse tipo de artefato era algo prestigioso. A aparição de deuses no anverso ou no reverso demonstra que eles eram protetores da cidade e do povo, mas também indica que a moeda fora cunhada sob a proteção dos deuses, o que lhe conferia veracidade e legitimidade (COIMBRA, 1957, p.15).

A utilização da moeda para difundir mensagens e reforçar imagens em momentos específicos foi visto pelos romanos como algo importante. Não temos como avaliar o impacto das mensagens contidas nas moedas sobre o público receptor, mas sabemos, porém, que muitas moedas foram cunhadas para serem distribuídas em festivais e para pagamento do soldo aos exércitos. Como aponta Grant (1958, p. 11),



muitas vezes era somente por meio das moedas que os indivíduos teriam contato com certos pronunciamentos oficiais. Diante da dificuldade de recuperar o grau de recepção da moeda e de seus símbolos e inscrições junto ao público, é mais produtivo investigarmos a intenção daqueles que produzem a cunhagem do que o efeito dela nos usuários.

Acreditamos que o fato de ser a moeda um veículo de intensa circulação auxiliou na divulgação das vitórias dos soberanos pois, como salienta Burke (2004, p. 74), tenham as imagens contribuído ou não para a conservação da autoridade dos representados, o que importa é o fato de que estes acreditavam nisso e por isso investiram tanto esforço.⁶ O símbolo da moeda anuncia o que os próprios personagens ali representam: é ele um ícone, expressão de uma parte de sua sociedade (BURKE, 2004, p. 85). A moeda exprime a intenção do representado, no caso, o imperador ou um general, como ele gostaria de ser visto, o que desejaria veicular, mas também o que a sociedade esperava de alguém com seu *status*, com sua preeminência. Para além da própria intenção do representado, entendemos também que as mensagens impressas nas moedas são comuns a um grupo que pretende dar sentido às disputas, atribuindo a um líder uma condição superior. A moeda buscava difundir as glórias obtidas pelo soberano. As mensagens eram breves e compreensíveis mesmo aos iletrados – mesmo os humildes reconheceriam, por exemplo, a deusa Vitória ao ver na moeda uma figura feminina alada (GRANT, 1958, p. 13; 25).

A construção de Otávio por meio da representação numismática

As duas primeiras moedas em que Otávio aparece datam do ano 43 a.C. Elas sugerem que ele não possuía ainda um repertório simbólico próprio, na medida em que recorre à herança de César para se representar, como vemos abaixo:

⁶ Como o próprio Burke (2004, p. 181) salienta, a escolha do que seria cunhado na moeda é testemunha de como o regime buscava parecer ao público.



Figura 1 – Áureo de 43 a.C. homenageando Otávio, cunhado na Gália. Anverso: cabeça de Otávio, com barba, rodeada pela inscrição *C. CAESAR COS. PONT. AVG.*, Caio César, cônsul, pontífice e áugure. Reverso: cabeça laureada de Júlio César, rodeada pela inscrição *C. CAESAR. DICT. PERP. PONT. MAX.*, Caio César, ditador perpétuo e pontífice máximo. *RRC 490/2*.

Essa é uma moeda de ouro cunhada em 43 a.C., na qual Otávio, com barba, aparece no anverso, rodeado pela inscrição “Caio César, cônsul, pontífice e áugure”, evidenciando os cargos religiosos que detinha naquele momento. No reverso vemos seu pai adotivo, Júlio César, com uma coroa de louros, e a inscrição “Caio César, ditador perpétuo e pontífice máximo”.

Um fato curioso é a aparição da barba nas moedas de Otávio. Até a vitória em Filipo, as moedas traziam seu rosto barbado, um símbolo de luto, de tristeza profunda para os romanos. Assim, aparecer barbado seria uma referência direta ao luto pelo pai assassinado. O título de pontífice remete também a César, que fora pontífice máximo e que, em 48 a.C., nomeou Otávio para ocupar esse sacerdócio (LIMOGES, 2010, p. 82).

O colégio dos pontífices era encarregado de conservar as tradições religiosas romanas, informando os magistrados e o povo sobre obrigações oriundas do culto aos deuses. O colégio era presidido pelo *pontifex maximus*. O pontificado máximo era um cargo vitalício, de alta distinção, que ditava como as estátuas públicas deveriam ser concebidas, regulava o calendário, deliberava sobre assuntos relativos ao casamento e adoções, inspecionava os demais colégios sacerdotais, além de presidir as grandes cerimônias públicas (MADDEN; SMITH, STEVENSON, 1989, p. 639). Os pontífices tinham por ofício conservar e elaborar o direito sagrado, e para realizar os rituais e cerimônias tinham à disposição os flâmines e as vestais. (DARENBERG; SAGLIO, s/d, p.567-568).

Outra função religiosa exercida por Otávio foi a de áugure. Os áugures eram sacerdotes incumbidos de interpretar os sinais divinos contidos no voo das aves, chamado de auspícios. O colégio dos áugures, diferente do colégio dos pontífices, não



tinha um líder (como o *pontifex maximus*) e nem comportava diferença hierárquica (DARENBERG; SAGLIO, s/d, p. 550-551). Esses dois colégios dos quais Otávio fazia parte à época da cunhagem acima eram os mais preeminentes de Roma.

A próxima moeda evoca a importância dada a Otávio aos equestres em Roma. Como discutido por Petit (1989, p. 240), a ordem equestre foi reorganizada por Augusto, que criou um *cursus honorum* específico para eles, assim como postos administrativos importantes.



Figura 2 – Denário de 43 a.C., homenageando Otávio, cunhado na Gália Cisalpina. Anverso: cabeça de Otávio, rodeada pela inscrição *C. CAESAR IMP.*, Caio César, imperador. Reverso: estátua equestre, com a mão direita saudando; no exergo, *S.C.*, *senatus consultum*, decreto do Senado. *RRC* 490/1.

Essa moeda de prata, datada também de 43 a.C., é a segunda na qual Otávio aparece barbado. Dessa vez, ele aparece rodeado pela inscrição “Caio César imperador”, o que nos sugere que essa moeda teria sido cunhada após a vitória em Módena, em abril daquele ano. Esse tipo de informação produzida pelas fontes escritas, porém é necessário ressaltar que muitas vezes só temos conhecimento de quantas vitórias ou de quantas vezes um general foi aclamado imperador por meio das cunhagens, como ocorre com Marco Antônio. No anverso da moeda acima aparece uma estátua equestre, com o cavaleiro em posição de comando, com o braço erguido; no exergo, “decreto do senado”.

Conforme alerta Wallace-Hadrill (1986, p. 75), como o final do século I a.C. era um período de extrema competitividade, era importante que se buscasse atrelar os valores familiares aos da *res publica* romana. Assim, utilizar o anverso e o reverso das moedas com esse propósito era eficaz, e essa moeda expressa isso muito bem, uma vez que é o primeiro exemplar no qual uma mesma pessoa aparece nos dois lados da moeda. A estátua equestre personifica Otávio. Wallace-Hadrill profere que isso é “um presságio do futuro imperial”, afirmação esta da qual discordamos, uma vez que reforçar o *status* equestre era uma das únicas ferramentas simbólicas com a qual Otávio contava no



momento dessa cunhagem. Pelo menos outras quatro moedas até o ano de 41 a.C., cunhadas por Otávio, contém estátuas equestres nos reversos, demonstrando uma enorme preocupação dele com esse estamento.⁷ Ademais, a afirmação de Wallace-Hadrill sugere que haveria um projeto imperial pensado por Otávio desde o início de sua carreira, fato do qual discordamos, porque pensar que Otávio com 18 anos pretendia/planejava ser o Augusto de 27 a.C. nos parece improvável. As moedas contribuem para vermos como Otávio angaria qualidades e títulos com o passar dos anos, e não que ele tinha um plano específico traçado desde sua chegada a Roma, em 44 a.C.

A inscrição *S.C.* no exergo da moeda pode demonstrar que ela foi cunhada por um *senatus consultum*, mas, além disso, como demonstra Wallace-Hadrill (1986, p. 81), sabemos que os moedeiros apenas empregavam essa marca em ocasiões excepcionais, como, por exemplo, no momento de uma reforma monetária ou de expedição de um novo tipo de moeda. A marca do Senado conferida pela inscrição dá credibilidade e valor à moeda, já que esta seria utilizada em várias transações comerciais ao longo do Império Romano. Assim, *S.C.* identifica o centro do poder e atribui veracidade ao valor da moeda, garantindo sua livre circulação e aquiescência pelo *populus* (WALLACE-HADRILL, 1986, p. 83).⁸

As duas moedas anteriores expressam a fala atribuída a Marco Antônio na *Filípica* 13 (11,24-25),⁹ sobre Otávio: “e tu, garoto [...] que tudo deve ao nome”, já que é justamente o apelo à memória de Júlio César a principal, e talvez a única forma de Otávio se justificar perante a sociedade romana naquele momento. Como demonstra McCarthy (1931, p.365), não agradava a Otávio comentários acerca de sua juventude e inexperiência no começo de sua trajetória política, pois seus adversários utilizavam esses argumentos para insultá-lo, como demonstra a citação acima. Utilizar, portanto, das mais variadas maneiras o nome de César ou fazer referências a ele foi a forma mais

⁷ Talbert (1996, p. 326) demonstra como Augusto valorizou a ordem equestre em seu governo, demonstrando que essa ordem era basilar para ele em seu governo. C.f. ROWE, Greg. *Princes and Political Cultures*. Michigan: University of Michigan Press: 2002.

⁸ Wallace-Hadrill nesse mesmo artigo atribui ao *S.C.* nas moedas do Principado de Augusto uma marca da complexidade do relacionamento entre o princeps e as convenções tradicionais. Para ele, a inscrição é central para comunicar a mensagem de que Augusto havia restituído a res publica, uma vez que a autoridade suprema dela era o Senado.

⁹ “*Et te, o puer [...] qui omnia nomini debes*”.



rápida de Otávio obter legitimidade às suas ações e angariar apoio dos veteranos de César, e, além disso, de o auxiliar na obtenção de cargos públicos para os quais ele demoraria, convencionalmente, um tempo maior para alcançar, como o consulado.



Figura 3 – Áureo de 43 a.C., cunhado sob autoridade de Otávio, em *Lugdunum*. Anverso: cabeça de Otávio, barbado, rodeado pela inscrição *C. CAESAR IMP. III VIR R.P.C. PONT. AVG.*, Caio César, imperador, triúmviro da constituição da República, pontífice e áugure. Reverso: Cabeça de Marco Antônio, barbado, rodeado pela inscrição *M. ANTONIVS IMP. III R.P.C. AVG.*, Marco Antônio, imperador, triúmviro da constituição da República e áugure. *RRC. 493/1b*.

A moeda acima, feita de ouro, faz parte da série de moedas cunhadas após o estabelecimento do Triunvirato, no final do ano de 43 a.C.¹⁰ Cabe salientar que todos os triúmviros cunharam moedas comemorativas contendo, no anverso ou no reverso, os companheiros de triunvirato. Porém, em 43 a.C., enquanto Otávio cunhou essa moeda, demonstrando um pacto e aliança com Marco Antônio, este não o fez – não pelo menos naquele ano –, tendo cunhado duas moedas diferentes com Lépido no reverso, e nenhuma com Otávio.¹¹

Os títulos que aparecem na **figura 3** acima são os de pontífice e de áugure para Otávio e o de áugure para Marco Antônio, o que colocaria o primeiro em vantagem. Cumpre notar que as moedas, como Wallace-Hadrill (1986, p. 69) salienta, devem ter seu anverso e seu reverso lidos em conjunto, pois a moeda contém uma mensagem completa, não se devendo isolar apenas uma das faces para análise. Nesse caso, a moeda comemora a formação do Triunvirato, e o fato de ser cunhada em ouro enfatiza a

¹⁰ Coimbra (1957, p. 207-208) nos informa que o ouro começou a circular em Roma a princípio em seu estado primitivo, sob a forma de barras. A emissão de moedas de ouro é reflexo da concentração de poderes nas mãos de *imperatores*, sendo que as primeiras cunhagens nesse material são de Silas (87 a.C.).

¹¹ C.f. Cr. 489/1 e 489/3, a primeira um denário e a segunda um quinário. A aliança de Lépido e Antônio era mais forte do que a deles com Otávio, e uma vez terminada a Batalha de Módena, os dois primeiros permaneceram unidos, só posteriormente buscado aliança com o último. Essas moedas, portanto, podem ser do período pós-Módena, e o fato de nelas aparecerem inscrições como “cônsul” para Lépido e Antônio reforçaria a imagem legalista de ambos, que diferentemente de Otávio, possuíam esse ofício público.



importância do cargo de triúmviro para a organização da República. Otávio, nesse momento, vincula-se a algo de grande relevância política, o que proporcionou uma elevação de sua imagem e posição frente ao povo romano e aos seus adversários.

Um fato considerável, ainda sobre essa moeda é que Otávio aparece como igual (ou superior) a Marco Antônio – nas moedas cunhadas sob autoridade desse último ou sob autoridade de Lépido, o mesmo não é verificado: Otávio aparece em tamanho menor e visivelmente com aparência mais jovem do que a de seus colegas.



Figura 4 – Denário de 42 a.C., cunhado sob autoridade de Otávio, na Península Itálica. Anverso: cabeça de Otávio, rodeado com a inscrição *CAESAR III VIR R. P. C.*, César triúmviro da constituição da República. Reverso: cadeira curul, com os pés decorados com águias, contendo a inscrição *CAESAR DIC. PER.*, César ditador perpétuo; sobre a cadeira, repousa uma coroa de louros. *RRC. 497/2.*

O denário acima é um dos vários no qual Otávio reforça sua aproximação com César. No anverso, Otávio, agora sem a barba, indica que a vingança pela morte de seu pai fora cumprida, o que nos permite datar essa moeda após a Batalha de Filipo. Vale ressaltar que Otávio não exhibe em suas moedas o título de *imperator*, após essa vitória, diferente de Marco Antônio: talvez porque ele ainda não fosse forte o suficiente para fazer frente a este último, e que nesse momento a vitória tivesse sido atribuída oficialmente a Marco Antônio (NEWMAN, 1990, p. 57).

A referência a César no reverso da moeda não ocorre mais por meio do busto da personagem e sim pela inserção da cadeira curul. Esta era o assento dos ditadores, cônsules, pretores e censores durante as sessões públicas, motivo pelo qual estes eram ditos *curules magistratus* (MADDEN; SMITH; STEVENSON, 1989, p. 728). César havia recebido do Senado o direito a uma cadeira curul de ouro na Cúria, ao lado da dos cônsules, recebendo em 44 a.C., autorização para carregá-la a todos os lugares, sendo este um dos motivos pelos quais ele foi acusado de pretender assumir o poder real (DARENBERG; SAGLIO, s/d, p. 1179-1180).



Existem indícios de que essa moeda tenha sido cunhada com o objetivo de provocar Marco Antônio, pois durante um evento, em 44 a.C., Otávio foi proibido por Antônio de colocar, junto aos adereços de outros deuses, a cadeira de César e sua coroa de louro. Como Newman (1990, p. 56) assevera, o reverso dessa moeda é uma provocação a Marco Antônio, que, no momento, dizia-se líder dos vingadores de César. No ano em que essa moeda foi cunhada, César foi deificado pelo Senado.



Figura 5 – Dupôndio de 39 a.C. cunhada sob a autoridade de Otávio, nas Gálias. Anverso: cabeça de Otávio, barbado, com a *Sidus Iulium*, estrela de Júlio, à frente dele; inscrição: *DIVI F.*, filho do divino. Reverso: Coroa de louros com a inscrição ao centro *DIVOS IVLIVS*, divino Júlio. *RRC 535/2*.

A moeda da **figura 5**, produzida em bronze, é testemunha da primeira vez que Otávio faz uso do epíteto *diui filius*, filho do divino, assim como é a primeira vez que é feita menção à divinização de César, que aparece aqui como *diuos*.¹² Crawford (1974a, p. 535) sugere que essa moeda tenha sido cunhada no ano de 38 a.C., nas Gálias, porém Newman (1990, p. 47) ressalta que a forma e o estilo do retrato são bastante semelhantes a outras moedas do ano 39 a.C. Ainda esse autor destaca que o fato de a cunhagem ter sido produzida nas Gálias tem um significado especial, afinal lá era a região onde César havia angariado muitos simpatizantes, além de ser o local para onde Otávio havia se dirigido em 39 a.C., numa expedição militar.

Uma das transformações notáveis da cunhagem romana é expressa por essa moeda: o reverso não possui a frente de algum deus ou algum símbolo específico no centro, o mais comum, e sim apenas a inscrição “divino Júlio”. Esse estilo de cunhagem, com o título não mais na borda, mas no centro, aparecerá a partir de então

¹² Agradeço à professora Leni Ribeiro Leite que atentou-nos sobre o porquê de aparecer *DIVOS* e não *DIVUS* na moeda: no latim republicano, a segunda declinação tinha como terminação do nominativo singular –os, e não –us, mudança que ocorrerá no latim clássico (quando a terminação –os indicará somente o acusativo plural). Na época trabalhada na nossa pesquisa a palavra já era utilizada sob a forma *diuus*, porém a escolha por manter o uso antigo seria uma forma de arcaizar a moeda, passando uma ideia de tradição.



com certa frequência, assim como também nota-se nas cunhagens uma supervalorização dos títulos dos triúmviros e gerais, que, por vezes, ultrapassam o anverso e continuam no reverso (WALLACE-HADRILL, 1986, p. 75).¹³

O fato de a coroa de louros ser representada sozinha é emblemático, pois ela costumava aparecer sempre na cabeça de César.¹⁴ Porém, a coroa possivelmente já era um símbolo identificado largamente com o *dictator*, uma vez que ela era o símbolo da glória, atributo de Apolo, exprimindo a imortalidade daqueles que conseguem vitórias, como os heróis, e também o presente que era dado aos sábios, na Grécia clássica (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 610).

Outro símbolo identificado com César e que será bastante explorado por Otávio é o *sidus Iulium*, representando o cometa-emblema que teria brilhado no céu durante os *Ludi Victoriae Caesaris*. O *sidus* foi, juntamente com a cadeira curul e a coroa de louros, um dos símbolos mais importantes de Otávio no seu esforço em identificar-se com César. Segundo Zanker (2010, p. 35), Otávio, após a deificação de seu pai, fez questão de colocar a estrela em todas as estátuas deste, de modo a reforçar o simbolismo. A estrela também aparece na poesia: Horácio menciona que, entre todos, brilha a estrela de Júlio,¹⁵ e, de acordo com Williams (2003, p. 2), a estrela de Vênus (ancestral mítica da *gens Iuliae*) que aparece na *Eneida* de Virgílio relaciona-se com o *sidus Iulium*, que, aliás, era objeto de adoração em Roma, recebido pela população como sinal da chegada de César aos céus, de acordo Plínio (*HN* 2.93).¹⁶

Nota-se que o repertório de Otávio ganhou um reforço extraordinário com a divinização de César, demonstrado pela constante utilização do epíteto *diui filius* a partir de então. Mesmo nas cunhagens não produzidas por Otávio, mas que fazem

¹³ Exemplos desse novo padrão com alto uso de texto escrito são as moedas *RRC* 493/1, *RRC* 434/1 e *RRC* 537/1. Na época do Principado, as inscrições em moedas são ainda mais valorizadas, quando ocorre uma certa dispensa de haver a cabeça do imperador em toda moeda, como bem aponta Wallace-Hadrill (1986, p. 78).

¹⁴ Em todas as moedas de Júlio César após o ano de 44 a.C. ele aparece portando a coroa de louros honra esta que o Senado havia lhe conferido anteriormente.

¹⁵ *Ode* 1.12.v.46-47.

¹⁶ “[...] uma vez que a divindade dos romanos era excepcional durante a história da Roma republicana, referências à cometas, à pessoas sendo elevadas aos céus, se tornando deus, ou sendo favorecidas de forma a parecer um deus na *Eneida* são formas adotadas para representar a divindade de César e a futura divindade de Augusto” (WILLIAMS, 2003, p. 2).



referência a ele, o título é sempre mencionado, como podemos notar na moeda da **figura 9**.



Figura 6 – Denário de 38 a.C., cunhado sob autoridade de Agripa, na Gália. Anverso: Cabeça de Júlio César, laureado, em face à cabeça de Otávio, barbado, com a inscrição ao lado do primeiro *DIVVS IVLIVS*, divino Júlio e ao lado do segundo *DIVI F.*, filho do divino. Reverso: inscrição *M. AGRIPPA COS. DESIG.*, Marco Agripa, cônsul designado. *RRC 534/2*.

Neste denário a inscrição ocupa a face inteira da moeda, demonstrando que isso começava a se tornar tendência nas cunhagens romanas. O reverso, nesse exemplar, não contém mais uma cabeça, mas sim duas: Júlio César e Otávio aparecem de frente um para o outro e o título de ambos não remete aos cargos republicanos, mas sim à divinização inerente a essa família. Enquanto Agripa, responsável por essa cunhagem, coloca no anverso a magistratura que lhe cabia naquele momento, cônsul, Otávio aparece como se estivesse em outro plano, uma vez que a alcunha a ele reservada é a de filho do divino, não a de triúviro ou *imperator*, por exemplo. Essa moeda tem por finalidade estreitar e reforçar a conexão pai-filho, principalmente se levarmos em conta que o local de cunhagem e, portanto, de primeira distribuição desse tipo de exemplar foi, também como o exemplo anterior, as Gálias.

Sabemos que Otávio modificou o espaço da *Urbs* e que Agripa foi seu principal auxiliador nesse projeto. Suetônio (*Diu. Aug.* 28.3, 29, 30) narra como esses dois indivíduos reformaram Roma, dividindo-a em regiões que deveriam ser administrada por magistrados que seriam eleitos anualmente pelos habitantes de cada região. Além disso, Otávio adornou a cidade,¹⁷ reformando edifícios públicos, melhorando o abastecimento de água e as vias públicas, e também construindo novos monumentos, como o templo de Apolo no Palatino, o de Marte *Vltor* no fórum de Augusto (que, aliás, foi mandado construir devido ao aumento populacional na *Urbs*) e o templo de Júpiter

¹⁷ É bem conhecida a frase de Suetônio (*Diu. Aug.* 28.3), que diz que Augusto encontrou Roma construída por tijolos e a transformou em uma cidade de mármore.



Tonante no Capitólio, todos eles construídos na década de 20 a.C. Em geral, esses templos são frutos de promessas feitas por Otávio durante seu conflito com Sexto Pompeu e também com Marco Antônio e Cleópatra, momentos em que Otávio assegurou que construiria templos em homenagem aos deuses que o teriam auxiliado nas suas vitórias. Na **figura 7** aparece um dos templos que Otávio renunciou na época do conflito com Bruto e Cássio.



Figura 7 – Áureo de 37 ou 36 a.C., cunhado sob autoridade de Otávio em campanha, local não identificado. Anverso: Cabeça de Otávio, barbado, rodeada pela inscrição: *IMP. CAESAR DIVI F. III. VIR. ITER. R. P. C.*, Imperador novamente, César, filho do divino e triúmviro. Reverso: Templo do divino Júlio com sua estátua togada, velada e segurando um *lituus*. No *timpanum* do edifício, a *Iulium*. Ao lado, um altar. Na arquitrave do templo, a inscrição *DIVO IULI*, divino Júlio; circulando a moeda, a inscrição *COS. ITER. ET. TER. DESIG.*, cônsul designado novamente e pela terceira vez. *RRC 540/1*.

Esse exemplar suscita dúvida quanto a datação: Crawford (1974a, p. 102) atribui a moeda ao ano 36 a.C., afirmando que esta teria sido a última cunhada por Otávio antes das séries identificadas pelo uso dos títulos de *Imperator Caesar* ou *Caesar Divi filius*, recorrentes após a Batalha de Ácio. O problema é que, para Wallace-Hadrill (1990, p. 49), data-la como pertencente ao ano de 36 a.C. deixaria um vazio referente à produção de áureos no ano de 37 a.C., sendo assim possível que essa moeda tenha sido cunhada antes da data afirmada por Crawford.

Ainda sobre questão de datação, é válido observar que, no anverso da moeda, aparece representado o templo de Júlio César: na verdade, esse templo só foi inaugurado no ano 29 a.C., portanto, 6 ou 7 anos após a cunhagem (ZANKER, 2010, p. 35). A moeda demonstra que mesmo transcorridos alguns anos após a chegada de Otávio a Roma, tendo ele conseguido alcançar magistraturas importantes e ser aclamado *imperator*, ainda sim era importante a sua identificação com o pai adotivo, agora um convertido em uma divindade. Interessante notar que Otávio nunca elimina um símbolo antigo em favor de um mais novo. Antes, acumula alcunhas, títulos e emblemas durante toda sua vida, e os divulga de acordo com seus propósitos num dado momento



(MARTINS, 2011, p. 73). A referência constante a Júlio César adquire uma importância extraordinária por este ter sido deificado, o que sensibilizaria o público receptor. Como afirma Geertz (2008, p. 73):

O homem tem uma dependência tão grande em relação aos símbolos e sistemas simbólicos a ponto de serem eles decisivos para sua viabilidade como criatura e, em função disso, sua sensibilidade à indicação até mesmo mais remota de que eles são capazes de enfrentar um ou outro aspecto da experiência provoca nele a mais grave ansiedade.

Não podemos esquecer que os símbolos ajudam a consolidar visões de mundo, e por isso seu uso é tão intenso nos períodos de disputa por poder e *status*. Os símbolos traduzem os anseios de uma época, e as relações de fabricação, circulação e consumo de bens simbólicos auxiliam o reordenamento das relações sociais (GONÇALVES, 2002, p. 64).

As próximas moedas transmitem o clima dos momentos que cerceavam a Batalha de Ácio, trazendo aspectos ligados ao âmbito militar, mas também símbolos que remetem à vitória. Nessas moedas a imagem de Otávio já alcançou um repertório simbólico respeitável, fazendo com que a manipulação dos símbolos volte-se mais para o âmbito do sagrado.



Figura 8 – Denário de 32-29 a.C., cunhado sob autoridade de Otávio, na Península Itálica. Anverso: Cabeça de Otávio, sem inscrição. Reverso: Vênus, segurando um elmo com a mão direita e um cetro com a esquerda. Abaixo, um escudo com o *sidus Iulium*. Inscrição: *CAESAR DIVI F.*, César filho do divino. *RIC I*, 250b.

A moeda acima faz parte de uma série de três moedas nas quais Otávio sempre aparece no anverso, sem nenhuma inscrição/símbolo. O reverso contém a imagem das três deusas mais requisitadas à época (32-29 a.C.), no contexto da Batalha de Ácio. São elas as deusas Paz (*RIC I* 252), Vitória e Vênus. Essas são moedas programáticas, as quais transmitem o discurso que Otávio proferia antes da referida batalha. Essas



emissões aludem às realizações anteriores a 31 a.C., como, por exemplo, a moeda na qual Otávio aparece mimetizando Netuno, que comemora sua vitória sobre Sexto Pompeu (que dizia-se ser descendente de Netuno). Umhas moedas desse período evocam a proteção divina; outras aludem à benção da paz conquistada após Ácio (ZANKER, 2010, p.53).

Vênus é a deusa mais próxima de Otávio, uma vez que César costumava declarar que dela descendia, como por ocasião do discurso fúnebre de sua tia, Júlia (67 a.C.), quando César enfatiza que os *Iulii* tinham filiação direta com Vênus (Suet., *Div.Iul.*, 6). César desde o início cunhou moedas com a efigie da deusa no anverso, associada à imagem do ditador.

Vênus, a deusa do amor, era esposa de Vulcano, mas mantinha relações com vários deuses. A deusa também teve um caso com o mortal Anquises, um príncipe troiano, e desta relação nasceu Eneias, fundador mítico de Alba Longa. Eneias, segundo Virgílio (*Eneida*), liderou a fuga de um grupo de sobreviventes do saque da cidade Troia, e uma das imagens mais frequentes nas moedas é a cena em que ele ajuda seu pai, Anquises, na fuga, carregando-o no colo.¹⁸ Vênus, portanto, além de ser a ancestral da *gens Iulia*, é também a deusa-mãe de Roma, uma vez que Eneias era seu filho.¹⁹ Ligando-se a esta deusa, Otávio reelabora mais uma vez sua imagem. Num momento de conflito direto com Marco Antonio, mostrar-se vinculado à fundação de Roma era de grande valor.²⁰ Aliás, a partir do mito de Eneias forjou-se a ideia difundida por poetas e escritores da década de 20 e 10 a.C., segundo a qual Otávio seria o refundador de Roma.

¹⁸ Júlio César cunhou uma moeda em 47-46 a.C. com Vênus no anverso e essa cena mítica no reverso (RRC 458/1). Otávio, em 42 a.C., foi homenageado pelo moedeiro Lucio Livineio Regulo com uma moeda na qual ele aparecia no anverso e a mesma cena no reverso (RRC 494/3b). Esse mesmo moedeiro cunhou outras moedas com este mesmo padrão, mas homenageando Marco Antônio (neste caso, com Hércules no reverso – 494/2a) e Lépido (com a Vestal Emília, no reverso – 494/1).

¹⁹ O mito conta que Iulo, filho de Eneias, funda Alba Longa, e é de sua descendência que nascem Rômulo e Remo.

²⁰ Zeus, na *Eneida* (I. 284-291) demonstra justamente essa ideia de que o destino traçado pelos deuses elevariam um dia alguém, no caso, Júlio César e Otávio, entre o povo romano, dando início a uma nova era de paz: “Um tempo chegará [...] em que o troiano César nascerá de sua alta estirpe, aquele que estenderá seu império até o Oceano e seu nome até os astros, Júlio, ele de mesmo nome recebido do grande Julo [filho de Eneias, também aparece com o nome de Ascânio]. É este a quem tu um dia, livre já de ansiedades, lhe dará acolhimento nos céus carregado de despojos do Oriente. A ele também invocarão com votos os humanos E afastadas as guerras se amansarão então as idades turbulentas.”.



De fato, as expressões de “nova era” ou “idade de ouro” serão bastante empregadas durante o Principado.²¹

Já o reverso dessa moeda, ao conter a estrela de César sobre o escudo de Marte, transmitia a mensagem de que este deus estava ao lado de Otávio nos preparativos e durante a guerra contra Antônio e Cleópatra.



Figura 9 – Denário de 31-30 a.C., cunhado sob autoridade de Otávio, em Brindes ou Roma. Anverso: Cabeça de Otávio, sem inscrições. Reverso: a deusa Vitória em pé sobre um globo, segurando uma coroa de louros e um ramo de palmeira. *RIC I*, 255.

Nota-se que após Ácio Otávio muda seu estilo de cunhagem: agora raramente os títulos republicanos aparecem, cedendo lugar quase que completamente aos epítetos de elevação pessoal, como na **figura 9** e na **figura 10**. O anverso sequer contém um título; no reverso, apresenta a deusa *Victoria*, personificação da conquista, do sucesso (DARENBERG; SAGLIO, s/d, 830). A mensagem dessa moeda parece-nos evidente: a deusa Vitória porta uma coroa de louros com a qual presenteia Otávio, que aparece no anverso, em homenagem à sua recente conquista do Egito e o sucesso de seus empreendimentos bélicos sobre Marco Antônio e Cleópatra. Essa deusa está presente nas moedas desde as primeiras cunhagens do denário em 211 a.C.,²² porém a primeira vez em que ela aparece associada ao globo é a partir das cunhagens de Otávio. A Vitória sobre o globo significa que a conquista de Otávio, a eliminação de seus últimos rivais e a tomada de Alexandria em 30 a.C., representaram a conquista do mundo, uma vez que os romanos já utilizavam o globo como representação do mundo conhecido à época, o *orbis terrarum* (MADDEN; SMITH; STEVENSON, 1989 p. 420). O pé em cima do

²¹ C.f. ZANKER, *op. cit.*, p. 167-238 e ALBERTO, Paulo F. O simbólico na construção da imagem e do programa ideológico de Augusto: os mitos da fundação da Cidade. *Ágora*, nº 6, 2004, p. 27-50.

²² O primeiro exemplar em que a deusa Vitória aparece é o *RRC* 41/1, datado de 211-208 a.C., cunhado em Roma, com Júpiter no anverso, laureado e ela no reverso, com a coroa de louros nas mãos (como no exemplar analisado acima).



globo demonstra que a Vitória tem o domínio do mundo. Em outra moeda (*RIC I.256*), emitida entre 30 e 27 a.C. é o próprio Otávio quem aparece pisando o globo.²³

As próximas moedas são bem mais enfáticas em relação à vitória sobre o Egito. Tratam-se de moedas comemorativas.



Figura 10 – Denário de 29-27 a.C., cunhado sob autoridade de Otávio, em Éfeso. Anverso: Cabeça de Otávio, com uma lituus atrás, inscrição *CAESAR COS. VI*, César, cônsul pela sexta vez. Reverso: Crocodilo avançando, inscrição *AEGYPTO CAPTA*, Egito capturado. *RIC I, 275b*.

Essa é uma das moedas na qual a mensagem de Otávio é mais explícita. Após a Batalha de Ácio, Otávio tornara-se o comandante absoluto do Império. O Egito, antes com o *status* de “amigo e aliado do povo romano”, finalmente foi anexado. O prestígio dessa conquista somou-se ao poder econômico que agora Otávio obteria graças ao controle sobre o Egito, convertido numa espécie de “propriedade particular” do *princeps*, sem qualquer interferência do Senado. As riquezas do Egito, sem dúvida, possibilitaram a Otávio aumentar sua *auctoritas* perante o povo romano.

No anverso dessa moeda, Otávio retoma a prática de se colocar um cargo republicano na inscrição. Talvez essa tenha sido uma visando a restaurar a legalidade da sua posição, pois o cargo de triúviro já havia expirado anos antes de Ácio e, após o sucesso no Egito, a *res publica* e a ordem estavam restabelecidas, ao menos em tese. Outro ponto de destaque nessa moeda é o uso do *lituus* no anverso. Este era um bastão utilizado pelos áugures nos ritos para definir o *templum*, ou seja, para demarcar o espaço

²³ Uma moeda bem interessante que demonstra essa visão sobre o globo para os romanos é a *RRC 403/1*, moeda de 70 a.C. na qual aparece no anverso a Itália e Roma personificadas apertando as mãos, rodeadas de símbolos que representam a paz, concórdia e pacto. O interessante é que enquanto a Itália segura uma cornucópia, símbolo da abundância, Roma segura uns *fascēs*, pacote de hastes utilizadas pelos *lictōres*, ao mesmo tempo em que pisa com o pé sob um globo. A moeda pode retratar o momento de paz instaurado após a Guerra Social (91-88 a.C.), porém também já carrega uma imagem de Roma soberana, aquela que tem os pés sobre o *orbis terrarum*.



celeste correspondente ao espaço terrestre durante as celebrações religiosas. O *lituus* teria dado origem, inclusive, ao cetro real (DARENBERG; SAGLIO, s/d, p. 1277).²⁴

Otávio só usa esse símbolo três vezes em suas cunhagens: em uma moeda de 42 a.C. (RRC 497/1); na moeda do templo de Júlio (**Figura 7**) e neste exemplar, sendo que no caso dessas duas últimas há um forte indício de que a inserção do *lituus* era uma forma de provocar Marco Antônio, que dele fazia uso simbólico. Como salienta Newman (1990, p. 57-58), a moeda que comemora o templo de Júlio, na qual este aparece vestido como um áugure e com um *lituus* na mão, seria uma resposta/provocação a uma moeda de Antônio do ano anterior, que porta os mesmos símbolos. Antônio podia ser áugure, mas Otávio era filho de César, que, além de ter sido áugure, também agora era cultuado como um deus.

Já o crocodilo, que aparece no reverso, é um símbolo habitual utilizado para representar o Egito e o Nilo, fazendo referência ao crocodilo que habita suas águas, animal adorado como um deus (Sobek) em muitas localidades (MADDEN; SMITH; STEVENSON, 1989, p. 296). O uso de um símbolo tradicionalmente empregado para representar o Egito auxilia no “processo de conservação/inação na qual se realizam [...] as múltiplas possibilidades de inserção do passado no presente.”,²⁵ já que agora o Egito não era mais um reino aliado e sim uma província romana. A mensagem é a de que a antiga forma de governo não retornaria: por isso o uso do ablativo absoluto *AEGYPTO CAPTA*, enfatizando que o Egito estava agora capturado.

Cumprido notar que Otávio se apropriou do modelo de cunhagem ptolomaica à época. A primeira moeda romana produzida no Egito é um dracma de 30 a.C., no qual Otávio aparece no anverso e uma águia com uma cornucópia no reverso.²⁶ Essa moeda é idêntica às moedas de Cleópatra, fabricadas entre 51 e 29 a.C. É possível que a rainha ainda estivesse viva no momento de cunhagem e distribuição dessa peça. Com essa moeda e com a próxima fica evidente o uso desses objetos com o intento de provocação

²⁴ Vale ressaltar que os áugures tinham um poder decisivo nos rituais sobre os usos dos auspícios pelos magistrados romanos, além de terem um papel extremamente importante nas cerimônias de investidura de poder desses magistrados, podendo interceder na validação ou não das eleições e mesmo na continuidade de alguém em algum cargo administrativo. Sua função, portanto, era extremamente importante. (STEWART, 1997, p. 174-175).

²⁵ PRANDI, 1997, p. 166.

²⁶ Esse exemplar aparece no catálogo do *Roman Provincial Coinage*, com o número 1 P/5001. Disponível em: http://www.flickr.com/photos/ahala_rome/3351415559/



e de autoafirmação de Otávio, mas também como modo de garantir aos receptores da moeda, a sociedade greco-egípcia, certa continuidade e estabilidade política.



Figura 11 – Dupôndio cunhado em 27 a.C., em *Nemausus*, Gália Narbonense. Anverso: cabeça de Agripa, laureado com uma combinação de coroa rostral (??) e coroa de louros e de Otávio Augusto. Inscrição: *IMP*, imperador (acima das cabeças) e *DIVI.F*, filho do divino. Reverso: Crocodilo acorrentado a um ramo de palmeira. Inscrição: *COL NEM*, colônia de *Nemausus*. *RIC I*, 154.

No anverso desse Dupôndio são retratados Agripa e Otávio, o primeiro laureado e o segundo não. E devemos mencionar que Agripa está coroado com duas coroas, não só com uma: a primeira é a coroa de louros, que transmite a mensagem de vitória e a segunda é uma coroa rostral. Esta última consiste em uma coroa com miniaturas da parte frontal das galés (navios) e era concedida aos que obtivessem uma grande vitória naval (MADDEN; STEVENSON; SMITH, 1989, p. 293). As duas coroas entrelaçadas, como é o caso dessa moeda, implicam uma dupla vitória, afinal, a primeira batalha contra Cleópatra e Antônio em Ácio (31 a.C.), mas houve uma segunda, em Alexandria, no ano seguinte.

Assim como a moeda anterior, essa também traz em seu reverso o crocodilo representando o Egito capturado. Após a vitória sobre Antônio e Cleópatra, muitas tropas foram dissolvidas e enviadas para diferentes províncias (MADDEN; STEVENSON; SMITH, 1889, p.568). Em 28 a.C., a colônia de *Nemausus* foi criada como um assentamento para aqueles que haviam lutado no Egito em 30 a.C., o que explica a presença do crocodilo nas moedas cunhadas nesse local, uma mensagem que seria facilmente compreendida pelos habitantes daquela colônia. A mensagem é enfática: o Egito fora acorrentado pelas duas personagens representadas na moeda, Agripa e Otávio. O fato de apenas Agripa portar as coroas é bem significativo: pode



indicar sua popularidade na colônia de *Nemausus*, na qual possivelmente diversos soldados que lutaram ao lado dele estavam assentados.²⁷



Figura 12 – Áureo cunhado após 16 de janeiro de 27 a.C., em Roma, sob autoridade de Otávio Augusto. Anverso: Cabeça de Otávio Augusto, rodeado pela inscrição: *CAESAR.COS.VII.CIVIBUS.SERVATEIS*, César, côsul pela sétima vez, tendo salvos os cidadãos. Reverso: Águia com asas abertas, de frente para uma coroa de carvalho, atrás ramo de louros. Acima, a inscrição *AVGVSTVS*, Augusto, e no exergo da moeda, *S.C.*, *senatus consultum*. RIC I 277.

Nesse áureo, de 27 a.C., a imagem de Otávio aparece consolidada, cunhada após a sessão do Senado que lhe concedeu o título de *Augustus*. Ainda que em 12 a.C. ele tenha recebido o cargo de *pontifex maximus* (após a morte de Lépido), e em 2 a.C. tenha sido aclamado *pater patriae*, podemos afirmar que a autoridade de Otávio já estava estabelecido desde 27 a.C., marco historiográfico do início do Principado.

No anverso, o ablativo absoluto *CIVIBUS SERVATEIS* é outra maneira de expressar *OB CIVES SERVATOS*, “por ter salvado os cidadãos”, que aparece mais frequentemente em outras moedas.²⁸ De fato, a ideia de que Otávio havia salvado o mundo romano era perpetuada nesse momento, remetendo-nos ao mito do salvador de Girardet (1987, p. 66): o herói, que reúne em torno de si a esperança coletiva, também organiza sua representação em três períodos: o apelo, o poder e a glória, o martírio. Augusto é o que Girardet chama de “homem providencial”, aquele que surge como um lutador, alguém que se recusa a deixar que o caos prevaleça, querendo sempre restaurar a ordem. Para o autor:

É na manifestação do presente imediato – presente de decadência, de confusão ou de trevas – que ele [*o herói*] se afirma e se define; com ele, graças a ele, o ‘depois’ não será como o ‘antes’. Associados à expressão de sua lenda, são sempre, aliás, as mesmas imagens, os mesmo símbolos que encontramos.” (GIRARDET, 1987, p. 80-81).

²⁷ Whitfield (2012, p. 14) demonstra por meio de inscrições nos monumentos públicos de *Nemausus* que Agripa tinha uma conexão forte com tal local.

²⁸ Exemplos: *RIC I 30a*, *RIC I 40a*, *RIC I 40b*, *RIC I 75a*, *RIC I 78*, *RIC I 79*, etc.



Otávio produziu um apelo ao povo romano para que retornasse os costumes antigos diante da ameaça orientalizante, buscando uma adesão emocional à sua causa. Já o poder e a glória conquistados após derrota de seus inimigos o colocaram num patamar acima de qualquer outro cidadão romano. O martírio seria a sua própria atuação em prol da restauração da *res publica*, uma vez que Otávio se coloca como alguém capaz de arriscar a vida em prol de uma causa maior.²⁹ Assim, associando-se a símbolos de vitória e a emblemas que remetem à ligação com o divino e à fundação Roma, Otávio consegue se afirmar como o herói salvador, o responsável por restituir a paz aos romanos.

O anverso traz ainda, pela primeira vez, o título de *Augustus*. Nota-se que não há mais referência ao título de filho do divino, tão utilizado por Otávio na década de 30 a.C. De acordo com o *Oxford Latin Dictionary* (1968, p. 214), o adjetivo *augustus* tem o sentido religioso de solene e venerável; a origem do termo provém do verbo *augere*: aumentar em quantidade ou tamanho, engrandecer, intensificar. De acordo com Suetônio (*Vit. Aug.* 7.2), o título que o Senado desejara atribuir inicialmente a Otávio fora o de Rômulo,³⁰ o que remeteria à noção de que Otávio estaria refundando Roma, mas Munácio Planco sugeriu o título de Augusto, por esse ser um título nobre, reservados aos locais consagrados pelos áugures em seus rituais.

No reverso da moeda, uma águia carrega uma coroa de carvalho, com folhas de louro no fundo. A águia é o pássaro de Júpiter e o dos estandartes das legiões. A coroa de carvalho, também chamada de *corona ciuica*, coroa cívica, era a maior recompensa militar dada àqueles que tivessem salvado a vida de um cidadão durante uma batalha (MADDEN; STEVENSON; SMITH, 1989, p. 290). Pela leitura da moeda, é evidente que a coroa representa a honra dada a Otávio por ter salvo não apenas *um* cidadão, mas *todos* os cidadãos romanos. Assim narrou Otávio (*R.G.* 34.1,2):

Em meu sexto e sétimo consulado, após ter extinguido as guerras civis, [...] eu transferei a República do meu poder para o domínio do povo e Senado de Roma. Por esse meu serviço, fui nomeado Augusto por decreto do Senado, e

²⁹ E esse tipo de apelo é captado nas *Phillippicae* de Cícero e também nas *Res Gestae* de Augusto.

³⁰ Alberto (2004, p. 37) argumenta que o título de Romulo seria inapropriado para aquela circunstância porque remeteria ao assassinato de Remo – o que reforçaria a imagem da morte de Marco Antônio e também da origem das guerras civis.



os umbrais de minha casa foram publicamente coroados com folhas de louro e uma coroa civil foi fixada sobre minha porta [...].³¹

A moeda guarda uma conexão evidente com os fatos narrados nesse trecho. Os louros, a coroa cívica e a mensagem de Otávio como salvador do *populus* contribuem para consolidar o que Augusto representará de agora em diante, o protetor de Roma. Também fica construída a ideia da necessidade de ter sempre alguém para manter a paz em Roma.

Considerações finais

Otávio levou 17 anos até ser aclamado Augusto, o que demonstra que a ideia de herói providencial, enviado dos deuses foi uma construção. Nada disso era imaginado no início de sua carreira, como é possível acompanhar por meio das moedas. Aos poucos é que aspectos dignificantes vão ser acrescentados à sua imagem, culminando com um título que traduzia a magnitude de sua posição em Roma: *Augustus*.

Também é conveniente salientar que representação de Otávio, após a batalha de Ácio, se afastou dos padrões republicanos e aproximou-se de um padrão grego, pois a partir daí ele passa a ser retratado de modo idealizado (MARTINS, 2011, p. 73). Basta observar que Otávio, após a Batalha, simplesmente não envelhece nas suas representações imagéticas. Como afirma Burke (2004, p. 74), “não foi apenas em nossa época que governantes sentiram a necessidade de uma ‘boa imagem’”.

A circulação dos discursos monetários têm um público, propósito, autoria e caráter diferentes dos textos literários, por exemplo, porém contribuem, à sua maneira, para a perpetuação de mensagens em forma de imagens codificadas e que serão apropriadas pelo público receptor. Há, ainda, uma diferença essencial entre o poder de alcançar e perpetuação dessa imagem:

[...] enquanto os textos literários buscam, ao representar, um percurso mais amplo do tempo, amplificando, assim, os atributos do figurado a um limite atemporal, pois é eterno no sentido etimológico do termo, a figuração numismática restringe-se ao momento do *hic et nunc*, limitando e facilitando

³¹ “*In consulatu sexto et septimo, postquam bella ciuilia exstinxeram, [...], rem publicam ex mea potestate in senatus populique Romani arbitrium transtuli. Quo pro merito meo senatus consulto Augustus appellatus sum et laureis postes aedium mearum uestiti publice coronaque ciuica super ianuam meam fixa est [...].*” Tradução nossa, conferida com a de Brunt e Moore (1983), da Oxford.



a recepção da mensagem, pois é pontual e o referencial é próximo e imediato. (MARTINS, 2011, p. 151).

A moeda, assim, auxilia de modo peculiar no que diz respeito às representações de Otávio e de que modo o futuro *princeps* procurou veicular sua imagem de acordo com o momento histórico. As moedas, podemos assim dizer, portam o discurso de Otavio inserido em seus aversos e reversos de prata, ouro e bronze, e por isso são uma fonte excepcional para estudar a ascensão do futuro Augusto e como ele gostaria de ser visto pela sociedade romana.

Referências bibliográficas

1- Documentação Primária Impressa:

- AUGUSTUS. *Res Gestae Diui Augusti*. Tradução de P.A. Brunt e J. M. Moore. Oxford: Oxford University Press, 1983.
- CICERO. *Philippics 1-6*. Tradução de D.R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press, 2009.
- PLINY THE ELDER. *Natural History*. 10 vols. London: Loeb Classical Library, 1938-1963.
- SUETONIUS. *The lives of the Caesars*. Tradução de J. C. Rolfe. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Javier de Echave-Sustaeta. Madrid: Editorial Gredos, 1997.

2- Documentação numismática:

- CRAWFORD, Michael H.. *Roman Republican Coinage*. vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1974a.
- CRAWFORD, Michael H.. *Roman Republican Coinage*. vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1974b.
- SUTHERLAND, C. H. V. *Roman Imperial Coinage*. London: Spink and Son, 1984.

3- Dicionários:

- DAREMBERG, M. C.; SAGLIO, E.d (orgs.). *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*. Tomo 2, vol. 2. s/d. Disponível em: < <http://dagr.univ-tlse2.fr/sdx/dagr/index.xsp>>.
- MADDEN, Frederic W.; SMITH, C. Roach; STEVENSON, Seth William. *A dictionary of roman Coins*. London: George Bell and Sons, 1989.
- OXFORD LATIN DICTIONARY. Oxford, Clarendon Press, 1968.



4- Obras de Apoio:

- ALBERTO, Paulo F. O simbólico na construção da imagem e do programa ideológico de Augusto: os mitos da fundação da Cidade. *Ágora*, n° 6, 2004, p. 27-50.
- BIEBER, M. The development of portraiture on Roman Republican Coins. *Aufstieg und Niedergang römischen Welt*, n° 1, 1974, p.871-898.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: Edusc, 2004.
- CARLAN, Cláudio Umpierre. Moeda e poder em Roma: um mundo em transformação. 2007. Tese (Doutorado em História). Unicamp: Campinas.
- CARLAN, Cláudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo. *Moedas: a numismática e o estudo da História*. São Paulo: Annablume, 2012.
- COIMBRA, Alvaro Veiga. *Noções de Numismática*. São Paulo: Coleção da Revista de História, 1957.
- FACHIN, Maria Celeste. *Moeda e estabilidade política no final da República romana: emissões monetárias de Marco Antônio*. 1993 (Mestrado em História). Usp: São Paulo.
- FLOREZANO, Maria Beatriz. A origem grega das moedas romanas. In: FÉLIX, Loiva Otero; GOETTEMS, Míriam Barcello (Orgs.). *Cultura Grega Clássica*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1989.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Editora Loyola, 1996.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIRARDET, R. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GONÇALVES, Ana Teresa Marques. A construção da imagem imperial: formas de propaganda nos governos de Septímio Severo e Caracala. 2002. Tese (Doutorado em História). Usp: São Paulo.
- GRANT, Michael. Roman history from coins. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.
- LIMOGES, Sarah. Reconstructing religion: Augustus and the Fratres Arvales. 2010. Dissertação (Mestrado em Artes). McGill University: Montreal.
- MARTINS, Paulo. *Imagem e poder: considerações sobre a representação de Otávio Augusto*. São Paulo: Edusp, 2011.
- MATTINGLY, Harold. *Various styles of Roman Republican coinage*. Aurora: Obol International, 1971.
- MCCARTHY, John H. *Octavianus puer*. *Classical Philology*, vol. 26, n° 4, p.362-373, 1931.
- NEWMAN, Robert. A dialogue of power in the coinage of Antony and Octavian (44-33 B.C.). *American Journal of Numismatic*, New York, v. 2, p. 37-63, 1990.
- PETIT, Paul. A paz romana. São Paulo: Edusp, 1989.
- TALBERT, Richard. The Senate and senatorial and equestrian posts. In: BOWMAN, Alan K.; CHAMPLIN, Edward; LINTOTT, Andrew. *The Cambridge Ancient History: The Augustan Empire*. vol 10. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- WALLACE-HADRILL, Andrew. Image and Authority in the Coinage of Augustus. *The Journal of Roman Studies*, Cambridge, vol. 76, p. 66-87, 1986.
- WILLIAMS, Mary France. The Sidus Iulium, the divinity of men, and the Golden Age in Virgil's Aeneid. *Leeds of International Classical Studies*, vol. 2.1, p. 1-29, 2003.
- ZANKER, Paul. *The Power of Images in the Age of Augustus*. Michigan: University of Michigan Press, 2010.